



1922: uma semente chamada Wilhelm Reich

1922: a seed called Wilhelm Reich

Jéssyka SARCINELLI CÁO

Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e
Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro

jessykasarcinelli@gmail.com

Evandro Vieira OURIQUES

Núcleo de Teoria Psicopolítica e Terapia Filosófica/Escola de Comunicação,
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Técnica e Epistemologia,
Universidade Federal do Rio de Janeiro

evandro.vieira.ouriques@gmail.com

Abstract. *This paper briefly presents the philosophical and scientific dispute faced by the Austrian physician Wilhelm Reich, during his transdisciplinary research that starts in the turmoil of the year 1922. Graduated in psychiatry and then joining the universe of psychoanalysis, prodigy disciple of Sigmund Freud, ends up breaking up with both: the psychoanalytical movement because they were increasingly moving away from the biology of the body; a Our objective is to demonstrate that Reich's research challenged traditional canons not only because it was transversal to disciplines, but also because it already advanced, in its own way, new paradigms on the rise.*

Keywords: *Functional Thinking. Psychic Energy. Bioenergy. Self-Regulation.*

Resumo. Este trabalho apresenta uma versão resumida do embate entre mecanicismo e vitalismo filosófico e científico enfrentado pelo médico austríaco Wilhelm Reich, durante suas pesquisas transdisciplinares que tem início no turbulento ano de 1922. Formado em Psiquiatria e depois entrando no universo da psicanálise, discípulo prodígio de Sigmund Freud, acaba rompendo tanto com o movimento psicanalítico (por este se afastar cada vez mais da biologia do corpo), quanto com a ciência hegemônica, por esta estar ainda muito aprisionada por antigos paradigmas científicos. Nosso objetivo é demonstrar que as pesquisas de Reich desafiavam os cânones tradicionais não apenas por serem transversais às disciplinas, mas também porque já adiantavam, à sua maneira, novos paradigmas em ascensão.

Palavras-chave: Pensamento Funcional. Energia Psíquica. Bioenergia. Autorregulação.

Recebido: 04/04/2023 Aceito: 29/10/2023 Publicado: 20/12/2023



1. Introdução

1.1. A arte como interpretação da sociedade

Um ano tão turbulento para o mundo como 1922 é também marcante para a pesquisa que desenvolvemos sobre a obra de Wilhelm Reich (1897 - 1957). As disposições de forças da geopolítica mundial se moviam como placas tectônicas, reformulando continentes, aproximando uns, distanciando outros; e produzindo como efeito dominó, terremotos e demolições por todo o globo (RENNISON, 2021): a unidade do Império Turco-Otomano dava origem à multiplicidade fragmentada do Oriente Médio contemporâneo. O inglês tornava-se definitivamente o novo latim, com a consolidação a nível global do primeiro império onde o sol nunca se punha. Na Alemanha, Hitler era preso por tentar tomar o poder. Na Itália nascia o primeiro estado fascista. Na Rússia, o primeiro estado socialista. No Brasil, a semana de arte moderna definiria os rumos da arte e da identidade brasileiras, finalmente livres da subordinação colonial.

Em Viena, capital então da natimorta República de Weimar, o jovem Reich formava-se em medicina e entrava como primeiro assistente clínico na Policlínica Psicanalítica de Viena, além de dar início a uma especialização em neuropsiquiatria com o então renomado neurologista Julius Wagner von Jauregg. Segundo Sharaf (1983, p.66 [TN¹]²):

Além de sua prática privada de análise, ele realizou em 1922 um estudo de pós-graduação em neuropsiquiatria na Clínica da Universidade de Viena, chefiado pelo neuropsiquiatra Professor Wagner von Jauregg, que mais tarde ganhou o Prêmio Nobel pelo tratamento da malária na paresia geral. (...) Vale a pena notar aqui que, como estudante, Reich teve a sorte de trabalhar com o mais eminente psiquiatra de orientação orgânica do período, bem como o principal psicanalista.

Seguindo um caminho ao mesmo tempo singular e transdisciplinar, Reich iria nas próximas três décadas entrar numa série de embates com as questões de vanguarda da ciência de sua época. E para essas questões, ele formulou respostas próprias que, em muitos sentidos, adiantou formulações de outros autores em suas próprias áreas de investigação.

¹ TN= Tradução Nossa.

² In addition to his private practice of analysis, he undertook in 1922 postgraduate study in neuropsychiatry at the University of Vienna Clinic, headed by the neuropsychiatrist Professor Wagner von Jauregg, who later won the Nobel Prize for the malarial treatment of general paresis. [...] It is worth noting here that as a student Reich had the good fortune to work with the most eminent, organically oriented psychiatrist of the period as well as the leading psychoanalyst.

Através de uma revisão bibliográfica sobre o tema da autorregulação na teoria reichiana, o objetivo deste artigo é atualizar, recontextualizar e fazer circular o pensamento reichiano no campo da História das Ciências, buscando diálogos transdisciplinares no sentido de resgatar uma maior compreensão e legitimação de suas contribuições.

2. Nem mecanicismo, nem misticismo, nem mesmo um meio termo

Mesmo nos primórdios de sua obra, Reich já tinha sua atenção voltada para os processos humanos com uma perspectiva diferenciada da maior parte dos psicanalistas da mesma época. Pautava-se na compreensão dos fenômenos vitais e não aceitava nenhuma interpretação ou explicação transcendental em relação ao modo como a vida se organiza. Acreditava haver uma “energética do vivo”, que funcionava de forma distinta de outros processos conhecidos pelos cientistas até então (energia química, eletromagnética, termodinâmica etc).

Em “A Função do Orgasmo”, Reich (1975, p. 27) coloca uma das questões que mais perturbavam a mente dos proeminentes pesquisadores de sua época: “A pergunta - ‘que é a vida?’- inspirava cada uma de minhas novas aquisições de conhecimento. A vida era marcada por uma notável racionalidade e intencionalidade da ação instintiva e involuntária”. Nesta fala de Reich, já notamos seu interesse sobre questões que estavam na pauta do dia de diversos debates científicos, em diversas áreas distintas do saber.

A convicção que fundamentou a construção de seu sistema de pensamento denominado “funcionalismo energético” e depois “funcionalismo orgonômico”, ou ainda “pensamento funcional” era de que “a vida emocional humana não é de origem sobrenatural. Está localizada nos limites da natureza e é investigável. Como o resto da natureza, obedece a leis funcionais de matéria e energia (REICH, 1950, p.2 [TN] ³). Cabe aqui acrescentar que o uso do termo funcionalismo para Reich tem uma acepção própria não sendo muito desenvolvido pelo autor as particularidades do termo, mas tentando este sempre ressaltar sobretudo a sua característica unitária, holística, totalizadora. ⁴

Outra premissa fundamental subjacente ao pensamento funcional é que todo funcionamento natural é regido basicamente por processos energéticos. No entanto, Reich estava ciente que esta visão estava em desacordo com grandes fatos descobertos pela química e física de seu *zeitgeist* (a saber: o fato de que os processos termodinâmicos conduzem necessariamente a um

³ Human emotional life is not of supernatural origin. It is located within the bounds of nature and is investigable. Like the rest of nature, it obeys the functional laws of matter and energy.

⁴ Apesar da forte influência do funcionalismo de Malinowski na obra de Reich, este autor utiliza o termo funcional para se referir ao modo como a vida emocional funciona nos organismos vivos, pois para Reich ela obedece a leis funcionais de matéria e energia e, portanto, são passíveis de investigação científica. “A diferença básica entre funcionalismo orgonômico e todos os outros métodos conceituais é que o funcionalismo orgonômico não apenas vê uma inter-relação de funções, mas busca uma terceira relação funcional comum e mais profunda” (REICH, 2003, p.112)

aumento de entropia, ao passo que a vida implica necessariamente em sua redução), fazendo com que a sua perspectiva precisasse lutar contra grandes muros erigidos tanto de um lado, por aquilo que ele chama de “mecanicismo” (atomismo, materialismo, “quimismo”) e por lado, também pelo “misticismo” (idealismo, metafísica, espiritualismo). Segundo Reich:

as leis dos eventos naturais descobertas pela química, física e matemática não podem ser colocadas de acordo com as funções que caracterizam a vida emocional. De um ponto de vista fundamental, a visão material mecanicista da natureza apenas cobre reinos não essenciais dos vivos. Para a grande maioria dos seres humanos, o grande reino das emoções, sensações, filosofias e estilos de vida são ancoradas em forças sobrenaturais místicas que são, de uma forma ou de outra, universalmente baseadas na ideia de uma entidade semelhante a Deus existindo além do alcance de todas as percepções sensoriais. Esta ideia contradiz a visão de que a vida emocional humana esta localizada dentro da esfera de processos naturais compreensíveis. (REICH, 1950, p.2 [TN]⁵)

Cabe lembrar que perspectiva semelhante estava presente particularmente no pensamento dos filósofos naturalistas pré-socráticos, os quais acreditavam que todas as coisas estão em movimento e tudo no universo se comporta em fluxos perpétuos de duração, buscavam explicações lógicas fundamentadas na observação direta da realidade. Reich demonstra fortes influências desses filósofos em sua produção teórica quando ele afirma que:

para os antigos observadores gregos da natureza, o mundo inanimado parecia estar repleto de substância em movimento. Havia uma visão predominante de que tudo se move, tudo ‘está em fluxo’. Este ponto de vista básico persiste na atual pesquisa natural. ‘Movimento’ e ‘processo energético’ são inseparáveis. (REICH, 1950, p. 3)

Diante disso, Reich parece concluir que os fenômenos psíquicos e emocionais devem, portanto, ser atribuídos a processos energéticos. É nesse sentido que ele conduz sua pesquisa nos estudos freudianos para a investigação da **energia psíquica**. Porém, Reich afirma que a teoria psicanalítica se encontrava fundamentada em conceitos da física clássica, e foi para responder a este problema que ele desenvolveu seu **pensamento funcional**. Essa foi uma das rupturas epistemológicas de Reich com a psicanálise, já no ano de 1934, em que pode ser considerado o marco temporal deste rompimento e início do desenvolvimento da **vegetoterapia**, responsável pelo aprofundamento reichiano na biologia teórica, cuja concepção norteadora era a autorregulação organísmica.

⁵ The laws of natural events as uncovered by chemistry, physics, and mathematics cannot be brought into accord with the functions which characterize emotional life. Seen from a fundamental standpoint, the mechanistic material view of nature covers only unessential realms of the living. For the vast majority of human beings, the broad realm of emotions, sensations, philosophies of life, and practical lifestyles is anchored in mystical, supernatural forces which are universally based, in one form or another, on the idea of a God-like entity existing beyond the range of all sensory perceptions. This idea contradicted the view that human emotional life was located within the sphere of comprehensible natural processes.

No entendimento psicanalítico, as ideias e representações psíquicas tinham um caráter fixado e as pulsões seriam responsáveis pelo desvio e mudança dessas ideias, a energia circulava entre as representações como se fosse um sistema fechado e poderia ser analisado por um analista. Logo, os afetos e as ideias seriam instâncias psicológicas totalmente separadas e diferentes entre si. Na física, a matéria é primária e definida por si mesma, deslocada por forças energéticas que a impulsionam para o movimento sem mudar sua forma. Como apontam Ferri e Cimini (2011) o conceito freudiano de energia estava atrelado ao modo como a física então a concebia.

As leis da termodinâmica são a da entropia e a da conservação de energia, isto é, a tendência dos sistemas a manterem seus níveis energéticos constantes, de onde Freud deriva seu princípio da inércia neurônica⁶. Já o princípio de entropia considera a morte como o objetivo final dos sistemas, tendência geral à desestruturação, logo a ideia de pulsão de morte foi criada para representar no âmbito psíquico esse fundamento entrópico proveniente da física clássica.

O que compreendeu Reich, distintamente da teoria freudiana, é que a percepção de prazer na mente é impossível de ser separada de sua pulsão biológica, não havia uma pulsão que “busca” um prazer lá no horizonte. Nas palavras de Reich, “a pulsão não era nada mais do que a função motora do prazer em si” (1950, p. 5). Portanto, a visão reichiana defende que a pulsão de vida e o prazer estão circunscritos como uma unidade da atividade do organismo, ou seja, a sensação de prazer possui função psíquica, enquanto que a pulsão tinha função corpórea. Reich passa a ver unificado o que antes era separado pela psicanálise, afeto e ideia se combinam em uma unidade funcional.

A unidade funcional é o fio condutor para se chegar à ideia de autorregulação. Se a pulsão e o prazer se constituem como uma só unidade da atividade motora, esta atividade motora não voluntária pode ser entendida como a potência de um ser para a ação e, ao mesmo tempo, para o engajamento e a busca de satisfação (CARNERO, 2012, p.106).

Segundo Reich, funcionar é um fato da vida. Ele considerava o vivo enquanto força natural e que seria tarefa nossa, enquanto humanidade, proteger e compreender essa força criadora da vida. A Vida, então, funciona sem propósito ou significado transcendente. A busca pelo sentido dela, como diz Reich, é fruto do encouraçamento dos sujeitos.⁷ O ser vivo desencouraçado funciona livremente sem a menor necessidade moralista (no sentido de uma moral coerciva e repressora que esmaga as satisfações naturais de cada ser singular), pois tem a própria vida como referência, uma referência pautada na capacidade de se autorregular mesmo diante de tantas pressões externas. A vida sem couraça não procura uma finalidade para sua existência, ela

⁶ O princípio de inércia neurônica é uma formulação freudiana presente no texto “Projeto para uma psicologia científica” de 1895 na qual afirma que toda energia vinda de fora do aparelho psíquico que é introduzida, deve ser descarregada completamente, de modo a retornar ao estado anterior.

⁷ Reich cria os termos “couraça de caráter” e “couraça muscular” para designar o conjunto de defesas psicorporais que compõem os sujeitos, possuem função de proteção contra as frustrações e são tentativas de o organismo ultrapassar as perturbações do fluxo de energia.

apenas é. Aqui vemos que o autor acena para a possibilidade de os sujeitos guiarem-se por si mesmos, apesar de estarem inseridos numa cultura repressora, ou seja, Reich acredita na potência intrínseca da vida que pulsa em cada organismo, sendo para ele a própria Vida Viva uma fonte de saúde, de conhecimento, de conexão com o mundo e com o Outro.

3. Tomar a natureza como referência, o corpo como objeto e os afetos por função

O que Reich fez foi inverter o caminho seguido pelas ciências de sua época, que buscavam compreender a natureza a partir do humano. Para compreender o funcionalismo orgonômico, precisamos entender o humano pelo ponto de partida da natureza. Esse entendimento instaura uma lógica que privilegia a união da natureza e da razão.

Rego Costa (2002) aponta que o aspecto mais crucial do pensamento funcional é a importância do estudo da matéria viva e do seu movimento autônomo, distinto dos biólogos naquele contexto que estudavam a matéria viva morta ou manchada com corantes biológicos. Uma outra característica interessante do projeto de Reich era a forma como ele inventava aparatos e pensava em experimentos únicos para testar empiricamente suas hipóteses.

Uma questão é colocada por Stengers sobre a particularidade das ciências modernas "inventarem os meios para problematizar e por em risco o poder da ficção"; no caso da orgonomia, a construção de aparelhos orgonômicos já citados e mais - sala de orgone, orgonoscópio, mantas de orgônio, DOR-busters - pretendeu "a criação de testemunhos fidedignos", que comprovam a existência do orgone.

No pensamento orgonômico, não só a concepção da pesquisa; os experimentos, a interpretação dos resultados, mas, principalmente, o conhecimento científico é reinventado com outros dados. Motilidade, sensação de motilidade, intuição, sensação de órgão, energia orgone, são marcas do autor que se remetem as qualidades energéticas dos sujeitos. São qualidades subjetivas tradicionalmente valorizadas na arte, atividade humana na qual mostram seu vigor criativo [...] Na ciência contemporânea, a "escuta poética da natureza" faz possível o entendimento de que tanto arte quanto ciência "fazem visível o que era invisível" - o potencial imaginativo e as qualidades sensíveis do cientista são valorizados na cena científica. (REGO COSTA, 2002, p. 66)

Na obra de Reich, percebemos a construção de um conhecimento científico que buscava a experimentação por caminhos inovadores, fundamentando-se na **sensação de órgão** como instrumento de conhecimento do mundo.⁸ Portanto, a energia psíquica não pode ser considerada apenas em termos abstratos, subjetivos e qualitativos, mas também devemos investigar a forma como esta age

⁸ As impressões dos sentidos são essencialmente sensações de órgãos ou, em outras palavras, procuramos às apalpadelas o mundo à nossa volta através dos movimentos dos órgãos (movimentos plasmáticos). Nossas emoções são a resposta à impressão do mundo que nos cerca. Tanto na percepção como na autopercepção, a impressão sensorial e a emoção se fundem para formar uma unidade funcional. Disso se conclui que a sensação de órgão é o instrumento mais importante da pesquisa científica natural (REICH, 2003, p. 67)

concretamente nos organismos, tendo os seres humanos as emoções como via de acesso às expressões dos impulsos de vida, sendo a característica principal da perspectiva reichiana. As emoções básicas da vida, segundo Reich (2003, p.57)

se afirmam na mobilidade completamente livre do organismo. Cada uma dessas emoções tem sua qualidade particular. Todas elas expressam uma condição de mobilidade do organismo, que possui um sentido (psicologicamente um "significado") com relação ao self e o mundo de modo geral. Este sentido é racional. Corresponde a condições reais e processos relacionados à capacidade do protoplasma de mover-se. As emoções primárias da vida também têm uma função racional.

Evidencia-se, portanto, que a relação mente-corpo para Reich não ocorre como um paralelismo psicofísico. É através do Princípio de Funcionamento Comum que Reich observa que o afeto psíquico e o movimento físico são o mesmo processo em termos de excitação bioenergética. Reich cunhou este termo para designar sua hipótese de que existe um princípio funcional em comum que rege e está no fundamento de todos os fenômenos que se manifestam de forma oposta, ou seja, mesmo que se mostrem de formas diferentes, não podem ser compreendidos separadamente. Há então equivalência entre ideia e um processo energético.

O autor afirma que tanto o movimento mecânico quanto o significado psíquico de algum fenômeno que ocorra no organismo são derivados de uma mesma função bioenergética, uma “moção expressiva plasmática ou expressão emocional” (CARNERO, 2012, p. 127) sendo assim o abismo profundo existente entre psíquico e físico é superado. Podemos pensar a questão energética no contexto da clínica psicoterapêutica, por exemplo. O que implica saber o estado energético de um analisando? Navarro nos indica que

a única chave para deduzir a psicologia de um ser vivo é seu comportamento, e seu comportamento é sempre um movimento. Na base de todo movimento (do protozoário às galáxias) está implícito um fenômeno energético. No ser vivo, a densidade e a circulação energéticas são responsáveis pelo movimento-comportamento, que é também influenciado pelo campo energético circunstante. São sempre campos energéticos em um campo energético mais amplo (NAVARRO, 1996, p. 15)

Dessa maneira, pensar a questão energética do sujeito na clínica, como dito acima, é também pensar em como ele se organiza e se posiciona na vida. Para Reich, o vivo se diferencia do não vivo pela sua motilidade. O vivo possui uma motilidade complexa, que ocorre de forma autônoma e espontânea, armazenando dentro de si a energia que precisa para produzir movimento próprio intencional, diferente do não vivo que precisa sempre de um “empurrão” (para sair da inércia), além é claro de ainda ser capaz de produzir variações em sua forma, por ser adaptativo e ser afetado de múltiplas maneiras. A recuperação dos processos de autorregulação pelos sujeitos é vincular corpo, razão e emoção e favorecendo processos de emancipação.

Na neurociência atual, temos António Damásio e suas investigações das emoções, do sentir e do saber. Ele defende que até mesmo organismos simples, como os paramécios, seres unicelulares podem apresentar certas reações emocionais. Eles podem se aproximar ou afastar de certos

estímulos pois são equipados na detecção de sinais do ambiente, irá se aproximar do que for mais seguro ou nutritivo e recusará o que for perigoso. Esses fenômenos ocorrem, como afirma Damásio (2004) sem a existência de um cérebro ou mente que coordene esse simples ser. Portanto, mesmo sem um sistema nervoso complexo como o nosso, o paramécio apresenta aquilo que fundamenta os processos emocionais, a “interpretação” do meio ambiente e a forma de reagir de acordo com ele. Isso não lhes foi ensinado, como afirma o autor, mas “mostra como a natureza sempre se preocupou em proporcionar aos organismos vivos os meios para regular e manter a vida, automaticamente, sem que seja necessária qualquer espécie de consciência, raciocínio ou decisão” (DAMASIO, 2004, p.45).

Reich também percebeu esse fenômeno em amebas e transportou essa observação para o campo da investigação emocional humana, percebendo que há uma correlação entre os movimentos desses seres simples com seres complexos. Reich (2003) propõe que com relação às funções de prazer e expansão, de contração e recuo de si mesmo, o ser humano e a ameba são funcionalmente idênticos.

3. Conclusão

Reich buscou entender a relação dos conteúdos verbais e suas correlativas expressões corporais e o que esta relação carrega em termos de parâmetros de saúde. Um organismo rígido não é plenamente capaz de observar sua vida sem que esta rigidez lhe “embace” a visão. A rigidez psíquica e a rigidez muscular possuem equivalência em termos funcionais. Em termos gerais, Reich compreendeu que o desimpedimento da pulsação vital orgânica a fim de recuperar a capacidade desse organismo de se autorregular, de se movimentar livremente, seria uma maneira de trabalhar o adoecimento humano, agora não só no aspecto psíquico, mas integral. Pensar que a vida possui meios e estratégias próprias para se autopreservar possibilita o emprego da concepção de autorregulação no campo psi.

Reich avançou simultaneamente em muitos campos de embate. E demonstrou ao mesmo tempo aos psicanalistas que a abstração verbal não é outra coisa que não a função de um corpo capaz de se autorregular e autorregenerar. E aos cientistas de laboratório que ignoram os afetos como via de conhecimento legítimo, demonstrou que própria ciência é uma função da vida, que evolui tornando seus mistérios cada vez mais claros para si própria.

No ato do pensamento, a vida compreende sua própria essência. Isto é verdadeiro tanto para as funções da natureza orgânica como para as da natureza inorgânica. Ao construir uma máquina, o homem domina as leis e funções da natureza não viva em sua relação com necessidades vitais. Nas ciências que dizem respeito ao homem, o organismo vivo busca compreender as funções da própria vida. No entanto, ele sempre compreende apenas o que experiencia em si mesmo. (REICH, 2003, p.124)

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

- CARNERO, J. V. P. J. **A clínica, a sensibilidade e o conhecimento: um diálogo entre as obras de Reich e Spinoza**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2012.
- COSTA, M. M. R. **Wilhelm Reich e a bússola do pensamento funcional**. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2002.
- DAMÁSIO, A. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- FERRI, G.; CIMINI, G. **Psicopatologia e Caráter: a psicanálise no corpo e o corpo na psicanálise**. São Paulo: Escutam, 2011.
- NAVARRO, F. **Somatopsicopatologia**. São Paulo: Summus Editorial, 1996.
- REICH, W. **Função do Orgasmo**. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.
- REICH, W. **O éter, deus e o diabo / A superposição cósmica**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- REICH, W. Orgonomic functionalism part II: on the historical development of orgonomic functionalism. **Orgone Energy Bulletin**, vol. 2, no. 1, 1950.
- RENNISON, N. **1922: Cenas de um ano turbulento**. São Paulo: Astral Cultural, 2021.
- SHARAF, M. **Fury on earth: a biography of Wilhelm Reich**. New York: St. Martin's Press/Marek, 1983.